RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

O DOMINGO: DIA DO SENHOR

SUNDAY: DAY OF THE LORD

Luiz Fabio Domingos[1], Cláudio Manoel Luiz de Santana[2], Vitor José Oliveira[3], Luciana Cordeiro Telles[4]

Submetido em: 09/08/2021 e28639
Aprovado em: 16/09/2021 https://doi.org/10.47820/recima21.v2i8.639

RESUMO
O domingo, dia sagrado para os cristãos, fora considerado desde os primórdios do cristianismo, com base escriturística, patrística e litúrgica, o dia por excelência consagrado ao Senhor. Logo, toda Igreja é convocada a fazer memória daquele dia majestoso no qual nosso Senhor Jesus Cristo venceu a morte e o pecado e, assim, garantiu a vida em plenitude pelo mistério da sua ressurreição. Desse modo, o objetivo do artigo é redescobrir e compreender o seu valor, ante um mundo escasso de valores, a fim de que os cristãos jamais se afastem do Senhor Jesus que se torna presente em cada liturgia dominical da qual participam. A metodologia empregada foi um estudo de revisão bibliográfica buscando descrever o domingo para os cristãos, em comparação com a vivência do *Shabbat* (dia sagrado dos judeus), chegando à constatação de que nos dias atuais, o domingo cristão tem se esvaziado do seu sentido pleno. Deste modo, como resultado, percebeu-se que o domingo é a glória dos dias, dia no qual o povo é convocado a exaltar os inúmeros benefícios concedidos pela Palavra e pela Eucaristia.

PALAVRAS-CHAVE: Domingo. Mistério Pascal. Assembleia. Ano litúrgico. Ressurreição.

ABSTRACT
Sunday, a holy day for Christians, had been considered since the beginning of Christianity, on a scriptural, patristic and liturgical basis, the day par excellence consecrated to the Lord. Therefore, the entire Church is called to remember that majestic day on which our Lord Jesus Christ overcame death and sin and thus guaranteed life in its fullness through the mystery of his resurrection. Therefore, the purpose of the article is to rediscover its value in a world lacking in values, so that Christians never stray from the Lord Jesus who makes himself present in every Sunday liturgy in which they participate. The methodology used was a literature review study seeking to describe Sunday for Christians, in comparison with the experience of Shabbat (Jews' holy day), reaching the conclusion that nowadays, Christian Sunday has been emptied of its full meaning. Thus, as a result, it was

[1] Mestre em Psicologia pela UCP- Universidade Católica de Petrópolis (2020); Convalidação em Teologia pela Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro (2018/2019); diplomado pelo Instituto Theologico sancti benedicti (Pontifício Ateneu de Santo Anselmo - Roma 2019); Graduação em Psicologia pela Universidade Estácio de Sá do Rio de Janeiro (UNESA - 2009-2013); Graduação em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1998 - 2001), graduação em Filosofia pela Faculdade Eclesiástica de Filosofia João Paulo II (1996-1997) . Atualmente é sacerdote - PARÓQUIA NOSSA SENHORA MÃE DA DIVINA PROVIDÊNCIA. Tem experiência na área de Teologia.
[2] Graduação em Filosofia (2004) e Teologia (2010) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC- Rio; Graduado em Psicologia pela Universidade Estácio de Sá (2018). Pós-graduação Lato Sensu em Docência do Ensino Superior pela Faculdade do Planalto Central (2015), Licenciatura em Filosofia pela Faculdade Católica de Anápolis (2015) e Mestrado em Psicologia pela Universidade Católica de Petrópolis (2020). É sacerdote (pároco) - Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro. Tem experiência na área de Teologia e Psicologia, com ênfase em Clínica, Humanismo e Logoterapia. Temas: Autoconhecimento, Espiritualidade e Sentido de Vida.
[3] Mitra
[4] Graduada em Fisioterapia pela Associação de Docentes da Universidade Estácio de Sá (2006) e Graduação em Teologia pela Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro (2015). Curso de especialização em Logoterapia e Análise existencial (UCP). Mestre me Psicologia pela (UCP) Doutoranda em Educação (UCP).

RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

realized that Sunday is the glory of the days, the day on which the people are called to exalt the countless benefits granted by the word and the Eucharist.

***KEYWORDS**: Sunday. Paschal Mystery. Assembly. Liturgical year. Resurrection.*

INTRODUÇÃO

Na sociedade hodierna, a denominada "ditadura do relativismo" (RATZINGER, 2005) desenvolve-se com muita rapidez e forte poder destrutivo nas consciências. Vive-se num contexto social onde os verdadeiros valores são substituídos por "verdades" que em muitos setores do saber, e da vida, se degeneram em ideologias. Esse fenômeno afeta a todos de maneira muito eficaz, e causa nos seres humanos uma espécie de "cegueira" diante da realidade, tratando-se de uma acentuada inversão de valores onde o essencial torna-se acidental e vice-versa.

O progresso do relativismo, juntamente com o consumismo e materialismo, oriundos de uma sociedade em constante estado de mudança, (SANTANA & ZANATTA, 2021) gera nas consciências um profundo distanciamento das realidades que nos transcendem, isto é, dos bens eternos. Isso afeta todas as células da sociedade, e sobretudo os membros da Igreja de Cristo. À luz desse contexto pode-se perceber que muitas pessoas, até mesmo alguns cristãos, não compreendem o autêntico valor do domingo.

O domingo, o primeiro dia da semana, tem como pano de fundo os fatos e tradições pascais, ou seja, a ressurreição e as aparições de Cristo no meio dos seus. Tal fator marcou tão profundamente esse dia que ele ficou sendo, desde as origens cristãs, aquele dia dedicado à celebração semanal daquilo que denomina-se Mistério Pascal. Segundo Boff (2009), pode-se afirmar que "a expressão mistério pascal evoca o significado central da palavra *mystêrion*, muito usada por Paulo, como mistério de Deus intimamente conectado com a interpretação cristã da morte e da morte de Cristo" (2009, p. 400).

Assim, nos primórdios da comunidade cristã, os elementos específicos que constituíam o domingo eram: a "Fração do pão" ou "Ceia do Senhor" como acontecimento memorial-atualizador da Páscoa de Cristo, a leitura e escuta da Palavra de Deus e a reunião da comunidade cristã em torno do Senhor. Nesse sentido, Floristán (1995) mencionou dizendo que "a ceia do Senhor ou fração do pão foi celebrada cada 'primeiro dia da semana', com um ritmo zelosamente guardado. Foi assim que surgiu o dia do Senhor ou domingo, como Páscoa semanal" (FLORISTÁN, 1995, p. 208). Logo, além de gozarem da presença do Ressuscitado em seu meio, eram também nutridos com o alimento da salvação. Por isso, é de extrema importância que os cristãos aprofundem o conhecimento do valor tão belo e profundo que se encerra no dia de domingo.

Por essa razão, seguir-se-ão os passos do Magistério do Papa João Paulo II, no que tange esse tema, para à luz das suas orientações, sobretudo aquelas que se encontram na sua carta apostólica *Dies Domini* entende-se com clareza a profundidade teológica contida no dia consagrado

RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

ao Senhor. Assim, pretende-se mostrar a riqueza de valor que o domingo possui, sendo o dia perfeito, o dia de júbilo e dos cânticos espirituais. Logo, deve-se promover uma nítida lucidez nas consciências, naquilo que se refere o tema proposto e buscar promover a partir disso uma viva e autêntica participação dos fiéis neste dia primordial da fé, o domingo.

1. O DIA DO SENHOR NO ANTIGO E NO NOVO TESTAMENTO

Vale ressaltar a grande importância de realizar um estudo sobre a teologia do domingo nas suas origens e no seu desenvolvimento na economia da salvação. Para isso, é necessário observar o seu conteúdo e os fundamentos no que tange o aspecto bíblico, situando-se no cerne do tema proposto e poder encontrar a riqueza de seu verdadeiro valor. Desse modo, do dia do Senhor – *Dies Domini* percebe-se, a partir do documento, a fundamental importância deste dia, para o povo do Antigo Testamento, que o vê numa dimensão dupla, isto é, como dia de bendizer a Deus pela criação e pela libertação da escravidão do Egito.

Ao mesmo tempo, observando o dia do Senhor no Novo Testamento, pode-se destacar a partir do acontecimento da Ressurreição à importância do domingo na vida do cristão, uma vez que, neste celebra-se a Páscoa semanal, em que se faz memória da salvação realizada por Cristo, Senhor da história. Assim:

> "a comparação do domingo cristão com a concepção do sábado, própria do Antigo Testamento, suscitou também aprofundamentos teológicos de grande interesse. De modo particular, evidenciou-se a ligação especial que existe entre a ressurreição e a criação. Era, com efeito, natural para a reflexão cristã relacionar a ressurreição, acontecida 'no primeiro dia da semana', com o primeiro dia daquela semana cósmica (Gn 1,1-2,4) em que o livro do Gênesis divide o evento da criação: o dia da criação da luz (Gn 1,3-5). O relacionamento feito convidava a ver a ressurreição como o início de uma nova criação, da qual Cristo glorioso constitui as primícias, sendo Ele 'o Primogênito de toda a criação' (Cl 1,15), e também 'o Primogênito dos que ressuscitam dos mortos'" (Cl 1,18) (JOÃO PAULO II, 1998, n. 28).

1.1 O DIA DO SENHOR NO ANTIGO TESTAMENTO: A OBRA DA CRIAÇÃO

Nas páginas das Sagradas Escrituras é perceptível a bondade, o carinho e a misericórdia de Deus para com a humanidade. Tudo aquilo que é feito em favor dos homens revela a beleza de um Deus que, ao criar, comunica a excelência do seu amor, pois criação expressa o desejo de Deus, ou seja, a aliança. Como recorda a *Dei Verbum,* o desejo de Deus é estabelecer uma comunhão eterna de amor, revelando-se a Si mesmo à medida do ser humano, para que este compreenda a partir deste vínculo "o mistério da sua vontade" (CONCÍLIO VATICANO II, 1997).

A aliança sela a união de um Deus que se faz amigo do homem, vem ao seu encontro oferecendo-se a Si mesmo a fim de lhe comunicar o desígnio de sua benevolência e o seu amor. A ação de Deus, que por meio de sua revelação se comunica, é graça da iniciativa divina que em sua infinita bondade e liberdade, entra na história, fala ao coração do ser humano e espera dele

RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

uma resposta. Assim, no pacto teológico *Iahweh* escolhe livremente Israel como povo e este, por sua vez, se compromete ao serviço exclusivo e à obediência ao Senhor (RUBIO, 2006, p. 138).

Nesse contexto, o mesmo autor afirmou que existe um papel importante do ser humano, pois esse "não fica passivo na aliança. Tão importante é a resposta do homem, que sua reiterada infidelidade acabará levando à ruptura da aliança antiga. Todavia, Deus, sempre fiel, promete uma nova aliança" (RUBIO, 2006, p. 139). Nesta perspectiva, no que tange à relação entre a criação e a aliança, pode-se ressaltar que ambas possuem uma complementaridade.

Menciona-se inclusive que, o objetivo principal da criação é de fato a aliança. Nesse contexto entrelaça o amor entre Deus e o ser humano, pois a partir dessa ligação, esse se torna livre em responder. Por isso, os homens são chamados a amar a Deus e adorá-lo profundamente, pois essa relação manifesta uma entrega de Deus aos seres humanos, e uma abertura desses ao seu Senhor. Assim, Bento XVI (2015) afirmou que "criação espera a aliança, mas a aliança completa a criação e não lhe é indiferente (2015, p. 24).

No livro dos Gênesis (Gn 1,1-2; 2, 4), pode-se perceber que a estrutura teológica ali existente permite adentrar na grandeza da obra criada por Deus e vislumbra-se que a criação é fundamental no processo da salvação realizada na história. Ao criar, Deus começa a realizar seu plano salvífico, ação presente não só na criação, mas de igual modo, na libertação do povo de Israel da escravidão.

Tendo considerado o que foi mencionado, percebe-se que a criação e a libertação da escravidão do Egito serão os dois eventos que irão estruturar e gerar o dia sagrado do preceito judaico. Na perícope citada encontram-se as raízes da teologia do sábado, que sendo o sétimo dia da obra da criação é igualmente o dia do descanso de Deus (LOPES, 2004, p. 67). Ora, se houve um descanso, certamente este foi consequência de um "trabalho", pois Deus "trabalhou" para desenvolver sua obra prima, isto é, toda a criação. Neste sentido, à luz do relato bíblico das origens do universo, constata-se que o Criador oferece aos seres humanos um exemplo, para que compreendam que são partícipes desta obra.

Desse modo, a divina revelação é um processo progressivo e, de igual modo, a criação do universo. A obra primordial do Altíssimo ocorreu ao longo de seis dias, nos quais o Criador, pela sua palavra poderosa (*dabar*[1]), tudo ordenou "luz e trevas; águas superiores e inferiores; terra e mar; vegetação; sol, lua e estrelas; aves e peixes; animais da terra e por fim, o coroamento de sua obra harmônica: o homem criado à sua imagem e semelhança" (MCKENZIE, 1984, p. 196). Portanto, Deus, ao criar o mundo no decorrer de sete dias, e tendo chegado à conclusão que tudo que fizera era bom (Gn 1,10.12), confia ao homem, o ser perfeito de suas "mãos", o "domínio" de todas as suas

[1] Esta é a palavra de Deus que tudo cria e tudo unifica. Ensina Garcia Rubio: "'importa sublinhar ainda a importância que o Deutero-Isaías concede a criação realizada pelo *dabar* (palavra) de *Iahweh*' (Cf. Is 40,26; 48, 13 etc.) É a mesma palavra de *Iahweh* que unifica a criação do mundo e a história de suas intervenções salvíficas. O mundo criado não é anônimo nem é neutro. Na criação se inicia a revelação do Deus do diálogo. A história salvífica do homem compreende em profundidade e interpreta a criação do mundo, precisamente porque esta é o início do diálogo salvífico (palavra criador e palavra salvadora, sempre no âmbito dialógico)" (RUBIO, 2006, p. 148).

RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

criaturas. Nesse sentido, ele agora pode dominar a terra e governá-la, buscando a justiça e tendo a missão de glorificar ao Senhor (CONCÍLIO VATICANO II, 1997).

Vale lembrar que, obra da criação, enquanto expressão do amor infinito de Deus tem como ponto culminante "a gênesis do homem" e, por conseguinte o "repouso" de Adonai. O homem tendo sido modelado à imagem e semelhança de Deus, deve agora seguindo o exemplo do criador e, observando a sacralidade do sétimo dia, guardar o repouso semanal, pois trata-se de um dia santo. Como afirma o texto bíblico: "Deus abençoou o sétimo dia e o santificou, pois nele descansou de toda a sua obra de criação. Essa é a história do céu e da terra, quando foram criados" (Gn 2,3-4).

O "repouso" de Deus, posteriormente, tornar-se-á o terceiro preceito do Decálogo. Todavia, o descanso criacional não pode ser entendido como um simples ócio divino, mas sim como o ponto de partida de toda a história da salvação, pois para salvar, Deus atua criando. Por isso, tanto no seu ato criador, como no seu "descanso", Deus não deixa de agir, levando a bom termo sua obra e, ao mesmo tempo dela se apraz. Logo, pode-se aferir que já na criação, Deus revela o seu imenso amor pelas criaturas e, sobretudo pelo homem (JOAO PAULO II, 1998).

Sendo assim, a fé do povo eleito começa se robustecer e fixar suas raízes na ação criadora de Adonai, daquele caos e vazio no qual o mundo se encontrava, através do seu sopro de vida, se reveste de glória e torna-se habitação de suas criaturas, tendo o homem como "senhor" de tudo criado, pela sua participação no Ser Divino. Levando em consideração o que foi mencionado, afirma-se que a criação possui dois fins essenciais: o fim primário que é a glorificação de Deus e o fim secundário que a felicidade das criaturas (ARCE e SADA, 1992).

Deus realizou sua obra, e em seguida descansou; isso não serve apenas para expressar um determinado tempo no qual ele ofereceu vida à terra inabitada, forjando o homem do pó da terra, e depois permanecendo numa espécie de "inatividade". Pelo contrário, o septenário criador é um processo extremamente relevante porque ao criar todas as coisas, Deus tem a intenção de que os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade. Por isso, "no desígnio do Criador existe uma íntima conexão entre as ordens da criação e da salvação" (JOÃO PAULO II, 1998, n. 15-16).

Na criação do mundo está intrínseca a relação esponsal de Adonai com suas criaturas, e essa relação se expressa, sobretudo por meio do homem, pois ao lhe conceder uma alma intelectiva, e entregar em suas mãos o domínio da criação, o Altíssimo estabelece com ele uma aliança de amor, pois ele é o ser perfeito de toda a sua obra. Como afirmou Domingos (2021), "o homem, criado à imagem de Deus, governando o mundo na santidade e orientando todo o seu ser, será colaborador da glorificação de Deus na terra inteira" (DOMINGOS, 2021, p. 6).

1.2 O SHABBAT: DIA DO PRECEITO JUDAICO

Verifica-se que, após a criação, Adonai, contemplando a sua obra, se agrada daquilo que faz por meio de suas "mãos" eternas; ele "descansa" e abençoa o sétimo dia dando a este um significado grandioso, como nos recorda a narrativa do Livro do Gênesis: "Deus concluiu no sétimo dia a obra

RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

que fizera e no sétimo dia descansou, depois de toda a obra que fizera" (Gn 2,2). Tal "descanso", é a contemplação que o próprio Ser Divino faz quando conclui o que criou. Desta forma, podemos considerar que o sétimo dia é o momento do término de uma obra iniciada, neste dia a obra de Deus alcança a "finitude", por isso, Ele vê que tudo o que criou era bom, isto é, perfeito.

O sábado dia do Senhor torna-se um dia sagrado para os hebreus, por ser dia do "descanso" de Adonai, por conseguinte o dia de repouso não só para o homem que fora criado à sua imagem e semelhança, mas igualmente para todas as criaturas (Ex 23,12). Nesse caso, esse dia abençoado pelo Senhor, deve ser visto como o dia que Deus consagrou e santificou, dentre todos os outros (JOAO PAULO II, 1998).

Vale mencionar que, o que caracteriza o dia do sábado é de fato o repouso, não simplesmente um repouso qualquer, mas absoluto, completo, sem trabalho (Ex 16,29-30;23, 12;34,21). Inclusive, Brandolini (2009) afirmou que a "própria terminologia do termo *shabbat*, que quer dizer 'cessar', 'repousar'" (BRANDOLINI, 2009, p. 309) expressa essa mensagem. Nesse sentido, ele afirmou que "como o homem imitava com seu trabalho a obra criadora de Deus, também devia imitar o seu repouso; quanto mais Israel, que se tornara, graças a eleição divina, o 'filho' de Deus (BRANDOLINI, 2009, p.310).

Ademais, o sétimo dia da criação passará a ser rigorosa e piedosamente observado pelo povo hebreu, pois toda a obra da criação deve voltar-se para Adonai. Sendo assim, o sábado não é apenas uma imitação do repouso de Deus, é, todavia, o dia de bendição, ou seja, dia de render culto ao Onipotente que fez grandes maravilhas na vida do povo eleito. Com isso, por meio do culto, os hebreus recordavam as bênçãos que Deus havia realizado em sua história (DOMINGOS, 2021).

Considerando tais aspectos, o dia de sábado tem a sua relevância na cultura judaica, pois é caracterizado como o dia dedicado às práticas religiosas do povo (MAZZAROLO, 2013), de modo que o culto ganha seu destaque por trazer à memória a aliança. Este dia se torna uma via pela qual Deus entra em contato direto com os homens por meio de um consórcio divino. Deste modo, nos é possível destacar que "o objetivo do culto e o objetivo da criação no seu conjunto são o mesmo: a divinização" (BENTO XVI, 2015, p. 24).

A divinização consiste no fato dos homens reconhecerem o poderio de Deus, ou seja, o relevo de que tendo Deus criado todas as coisas, também santificou o sábado, para que todos saibam que tudo aquilo que fora criado pertence unicamente a Ele. Logo, no ato de culto ao Deus único e verdadeiro, os homens elevam a Ele um eterno louvor, isto é, ofertam ao Senhor tudo aquilo que receberam da sua imensa generosidade.

O culto, portanto, expressa a relação esponsal existente entre os israelitas e Adonai[2], e, ao mesmo tempo, o reconhecimento da sublime grandeza de Deus, como Davi enfatizou nessa oração

[2] Sobre a beleza desse amor esponsal, nos dirá a grande mística Santa Catarina de Sena: "[...] procura ser uma esposa fiel. Sabes quando serás fiel ao esposo? Quando nada amares senão a Ele. Portanto, quero que teu coração esteja somente em Deus. [...] Quando pensamos na vida que Deus nos concedeu, vemos que Ele nos criou somente por amor, para gozarmos de suas riquezas, para nos dá a vida eterna. Tudo o que Ele nos dá tem esta finalidade: sermos Nele santificados" (CATARINA DE SENA, 2005, p. 183; 329).

RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

que acabamos de citar. Tudo o que existe pertence a Ele, Senhor do tempo e da história. Na perspectiva veterotestamentária, a noção de culto se desenvolve em três aspectos: (1) na adoração a Deus; (2) na fidelidade à aliança, (3) e na celebração-memorial dos prodígios realizados por Deus no passado, que enaltece a fidelidade de Deus no cumprimento de suas promessas.

Assim afirmou Lópes (2006):

> "o povo tinha consciência de pertencer ao Senhor e de ser depositário de uma aliança (Ex19,5-6; Dt 6,4-9; Sl 33,12). As festas, os ritos e todos os atos de culto estavam orientados para expressar o reconhecimento da soberania de Deus e o propósito do povo de viver em sua presença. A dimensão interior não significativa a exclusão dos ritos por exemplo, as oblações e sacrifício), nem a impossibilidade de que pudessem ser expressão de um culto espiritual. No entanto, a necessidade da pureza interior e da fidelidade a aliança é uma constante em toda escritura... A leitura da escritura e a narração dos fatos salvíficos (Sl 78; 80; 105; 106; etc.) fortalecia a esperança no Deus libertador (Ex 3, 7-10; 20, 21), num novo êxodo (Is 43,16-21; 48,20-21) e numa Lei nova, escrita no coração dos homens (Jr 31,31-34; Ez 36,17-32)" (LÓPEZ, 2006, p. 86-87).

A relação esponsal é fruto da aliança que Deus faz com o seu povo, onde o amor é o alicerce desta relação que encontra seu sentido profundo na celebração do sábado. No livro do Êxodo é possível notar que de fato o sábado é um dia "santo", um dia de repouso em Israel, de modo que a lei não permite que seja realizado nenhum esforço físico ao decorrer deste dia. Todos devem guardar a sacralidade deste dia, pois se trata do grande dia do Senhor.

O desígnio de Deus ao criar o universo era fazer com que tudo que compõem a sua obra magnífica, encontrasse somente Nele o seu refúgio seguro, isto é, o lugar do seu repouso e da sua salvação. Por isso, McKenzie (1984) mencionou que "Deus é a única causa operativa" (MCKENZIE, 1984, p. 197). A partir disso, pode-se considerar o sábado como um paradigma para o repouso humano, pois se o Criador "descansou", de igual modo, o homem, que é a obra perfeita de sua sabedoria, deve também descansar de toda labuta semanal. Essa característica do "repouso" divino vai se desenvolvendo paulatinamente, e oferecendo as bases para o surgimento do dia sagrado dos judeus.

Assim à luz disso, o Shabbat se tornará uma normativa para o povo eleito, pois o sétimo dia deve ser recordado e celebrado como um dia santo, no qual o homem deverá não só entoar louvores a Deus pela obra maravilhosa realizada por suas "mãos" (criação), mas também pela ação libertadora da escravidão do Egito. Ademais, o terceiro mandamento da Lei do Senhor deixará evidente afirmando que se deve guardar o sábado, como um dia sagrado (Cf. Dt 5, 12-15).

Esse mesmo texto faz referência à Páscoa judaica, isto é, ao momento em que Deus, pela sua ação poderosa, liberta seu povo das mãos opressoras do faraó. Essa passagem da escravidão à libertação é um dos elementos que constitui a sacralidade deste dia. Deste modo, o *Shabbat* tornar-se-á um grande memorial (NEUNHEUSER, 2009) dos prodígios realizados por Adonai, na história de seu povo. O dia sagrado dos judeus encerra em si, duas realidades grandiosas da ação de Deus na história: a criação do mundo e a libertação da escravidão.

RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

Beckhauser (2004) afirmou que "o que gerou e consolidou o povo eleito foi a tomada de posição diante de um fato marcante que podemos chamar de Páscoa. Para o povo hebreu páscoa também significa passagem... da opressão para a liberdade, da morte para a vida..." (BECKHAUSER, 2004, p.66). Esse povo experimentou com a libertação do Êxodo, sua libertação pascal (BERGAMINI, 2004; DOMINGOS, 2021).

Se por um lado, o sábado é o dia reservado para toda criação descansar em Deus, por outro, é igualmente o momento oportuno para a luz da terceira prescrição do Decálogo, o povo escolhido fazer memória do Êxodo, isto é, do evento primordial que marcou de forma perene e transformadora a vida dos israelitas (AUGÉ, 2000). Por esse motivo, a grande relevância do dia do Senhor na perspectiva veterotestamentária encontra-se na severa observância do repouso criacional e na recordação da libertação do Egito. De fato, estes acontecimentos admiráveis dentro da *história salutis* tornar-se-ão explícitos na realização da aliança sinaítica.

Assim, o *Shabbat* é o dia exclusivamente dedicado à *berakah* (SANTE DI, 2004) ao Deus criador e libertador. Ele é um dia memorial, tanto no que tange à obra da criação, como na lembrança da libertação do Egito. Estes dois eventos salvíficos expressam a predileção do Senhor pelos seus eleitos, e são o útero no qual a primeira aliança é gestada. Ele celebrado no seio da comunidade hebraica, recorda ao povo eleito que Adonai é o Deus único e verdadeiro, aquele que os criou, salvou e escolheu por amor.

Logo, o memorial sabático é antes de qualquer outra coisa, uma expressão de profunda gratidão a Deus por todos os seus feitos poderosos, ou seja, o judeu que cumpre piedosamente o preceito do sábado reconhece a soberania de Adonai e presta a ele o culto devido através do seu louvor. Assim, "o conteúdo do preceito não é, pois, primariamente uma interrupção de um trabalho qualquer, mas a celebração das maravilhas realizadas por Deus" (JOAO PAULO II, 1998, n. 20).

Com isso, a observância do *Shabbat* é acima de tudo um louvor a Deus por todos os seus feitos. E jamais poderá cair no esquecimento, pois se trata do evento central da espiritualidade (SANTANA & ZANATTA, 2021) judaica. Logo, deve ser vivido na radicalidade da gratidão, isto é, como um dia totalmente consagrado ao Senhor.

1.3 O DOMINGO: DIA DA RESSURREIÇÃO DE CRISTO

Na perspectiva veterotestamentária do documento *Dies Domini*, aprofunda-se o tema no que tange à passagem do sábado judaico ao domingo cristão. O mistério das origens na história da salvação é plenificado pelo mistério pascal de Cristo. Sendo assim, "do sábado passa-se ao primeiro dia depois do sábado, do sétimo dia passa-se ao primeiro dia: o *Dies Domini* torna-se o *Dies Christi*!" (JOAO PAULO II, 1998, p. 21) no qual o Cristo vencedor da morte nos garantiu a vida eterna.

Com o Novo Testamento nota-se que a mudança do sábado para o domingo tem seu acontecimento na ressurreição de Jesus Cristo, acontecimento este que traz um novo sentido na ordem das coisas criadas e, também, na vida do homem. O domingo, primeiro dia da semana, é o

RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

oitavo dia da criação, "o dia novo, que transcende o septenário" (BORÓBIO, 2000, p. 72), como afirmam os Padres da Igreja.[3]

O domingo não é apenas um dia consagrado ao Senhor, mas é o dia em que os cristãos celebram a Páscoa, o mistério de amor que tem seu sentido profundo e seu fim último no evento da ressurreição. Sobre isso, sublinha Bento XVI (2011) afirmando que: "a ressurreição é um acontecimento dentro da história, que, todavia, rompe o âmbito da história e a ultrapassa" (BENTO XVI, 2011, p. 244). Diante deste fato, o domingo passa a ter um sentido cristológico, pois celebrando a ressurreição do Senhor comemora-se a festa da Páscoa, recordando os mistérios daquele que sendo a própria oferta na cruz, Cordeiro Santo, se torna a luz que ilumina o mundo.

Portanto, o domingo é o dia no qual brilha a vitória de Cristo sobre o pecado e a morte, dia este no qual a criação alcança sua plenitude, pois "Cristo é a luz do mundo, o sol que surge para iluminar aqueles que estão nas trevas e na sombra da morte (Lc 1,78-79); luz para iluminar as nações (Lc 2,32). Em homilia na Vigília pascal na noite santa de 7 de abril, o papa Bento XVI (2012) afirmou que "Com a ressurreição de Jesus, a própria luz é novamente criada. Ele atrai-nos a todos, levando-nos atrás de Si para a nova vida da ressurreição e vence toda a forma de escuridão. Ele é o novo dia de Deus, que vale para todos nós (BENTO XVI, 2012).

Desde os primórdios, a Igreja celebra o domingo como o dia dedicado ao Senhor, dia em que a luz iluminou a escuridão da vida do homem como pode-se observar hoje, quando os cristãos se reúnem para celebrar a vitória do Senhor, em cada celebração Eucarística, com piedade (CONCÍLIO VATICANO II, 1997). O domingo torna-se mais do que o simples dia da ressurreição, mas em sentido teológico considerado pela Tradição é visto como o dia da nova criação (AUGÉ, 2013).

As Sagradas Escrituras atestam que os membros da Igreja primitiva davam ao domingo um valor grandioso por ser o dia da ressurreição de Cristo. As aparições de Jesus aos seus discípulos no primeiro dia da semana demonstram o novo ritmo que este dia tomou a partir do acontecimento da ressurreição, pois, uma vez que o Senhor já não se encontra mais no sepulcro, como é sublinhado na passagem de (Mc 16,6) se cumpre a sua promessa aos seus, quando ele falou que ressuscitaria ao terceiro dia (Lc 9,22; Mt 16,21). Pode-se considerar que Jesus no prelúdio de seu mistério pascal mostra o "novo significado" que o domingo terá, ou seja, o fato de ser fixado num "ritmo comemorativo".

Os relatos bíblicos narram que após a ressurreição os discípulos se encontravam reunidos, temerosos com o que havia acontecido com o Mestre, pensavam que também eles sofreriam o mesmo. Não obstante a isso nesta reunião aparece Jesus ressuscitado, a verdadeira paz, e alegra o coração daqueles que antes se encontravam nas trevas do medo. Neste fato, notável é a presença do ressuscitado que traz consigo um sentido novo para aqueles que se encontravam reunidos, pois brilho da ressurreição, fortalece o coração dos discípulos. Assim, Jesus coloca-se no meio deles e

[3] Chamamos de "Padres da Igreja" aqueles grandes homens da Igreja, aproximadamente do século II ao século VII, que foram no Oriente e no Ocidente como que "Pais" da Igreja, no sentido de que foram eles que firmaram os conceitos da nossa fé, enfrentaram muitas heresias e, de certa forma foram responsáveis pelo que chamamos hoje de Tradição da Igreja; sem dúvida, são a sua fonte mais rica (ECCLESIA BRASIL).

RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

anuncia-lhes a paz, mostrando aos seus que ele é o Senhor vitorioso, Aquele que venceu a morte, e sobre quem a morte já não tem mais domínio, como afirma o apóstolo (Rm 8,9).

Contemplando o episódio da aparição de Jesus aos seus discípulos, no primeiro dia da semana, pode-se considerar que Jesus é a própria alma do domingo, o verdadeiro *Kýrios*, e por essa razão este dia torna-se o "dia memorial da ressurreição" (BRANDOLINI, 2009, p. 309). Além disso, a Didaqué, enfatizando a beleza e importância do domingo, considera este dia como "o dia senhorial do Senhor" (*katá Kyriakén de kyríou*) (BECKHAUSER, 1971, p. 39).

Observa-se que nos primeiros séculos os cristãos "guardaram" o domingo como sendo aquele dia reservado a fração do pão e a escuta da palavra (At 2,42-47), pelo fato de ser o dia em que Jesus ressuscitou e depois se manifestou aos seus discípulos reunidos, e com eles comeu. É importante lembrar, que foi também em dia de domingo que os Apóstolos reunidos no Cenáculo receberam o Espírito Santo. Nesse caso o papa afirmou que a: "'Páscoa da semana' torna-se assim de certa forma, 'Pentecostes da semana', no qual os cristãos revivem a experiência feliz do encontro dos Apóstolos com o Ressuscitado, deixando-se vivificar pelo sopro do seu Espírito" (JOAO PAULO II, 1998, n. 32).

Assim, expressão "Dia do Senhor", é um termo que também aparece no livro do Apocalipse (Ap 1,10). Aldazábal, por exemplo, considera que este dia no Apocalipse é de fato o dia "senhorial" (ALDAZÁBAL, 2000), ou seja, dia em que a comunidade reunida faz a experiência do encontro com Senhor. Esta expressão do Apocalipse foi traduzida no latim *dies dominica* evidenciando que este é propriamente e essencialmente o dia glorioso da vitória de Cristo. O domingo, portanto, tornou-se para os cristãos o dia da exaltação de Cristo. Por esta razão, passou a ser observado por eles com um caráter festivo e celebrativo.

2. O DOMINGO: O DIA DA IGREJA

O domingo de fato com o acontecimento da ressurreição trouxe a este dia um sentido novo, que constitui para a Igreja o dia da fé, dia da esperança e o dia de júbilo, por excelência. Neste sentido, "se o domingo é o dia da ressurreição, ele não se reduz à recordação de um acontecimento do passado: é a celebração da presença viva do ressuscitado no meio de nós" (JOÃO PAULO II, 1998., n. 31).

2.1 O MISTÉRIO PASCAL

O Filho de Deus em sua divina missão cumpre o desígnio salvífico do Pai reconciliando a humanidade com Deus. A reconciliação é um dom de Deus que por meio do seu Filho faz nova todas as coisas; renovando a aliança que outrora havia sido corrompida pela infidelidade. Com sua morte e ressurreição, Cristo em um extraordinário ato de amor (Rm 5,5-8) perdoa os nossos pecados e sela com seu próprio sangue a aliança eterna entre o homem e Deus. Neste sentido, Cristo revela com a própria vida o mistério de salvação desejado pelo Pai desde sempre.

RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

A redenção realizada no *mysterium crucis* leva a bom termo todo projeto divino do Pai, que em Cristo realiza a perfeita obra de salvação atualizada por meio do Espírito Santo, sempre que a Igreja reunida celebra sacramentalmente a Liturgia. Desse modo, celebrando os sacramentos, mas sobretudo a Eucaristia, à Igreja recapitula tudo o que foi a vida de Cristo; tudo o que disse, tudo o que fez e tudo o que sofreu para cumprir a obra de amor a fim de fazer voltar à sua vocação primeira, o homem caído (IRINEU, 1995; DOMINGOS, 2021).

Neste contexto, a vida do homem constitui uma verdadeira comunhão com o mistério de Cristo. Mistério que a Igreja recorda ao celebrar a sagrada liturgia, colocando-se diante do seu Senhor. Pois, "na celebração litúrgica a Igreja faz memória de todos os acontecimentos salvadores realizados por Deus na história e que atingem a plenitude na cruz e na ressurreição de Cristo" (CORBON, 1999, p. 9).

Nesse sentido, toda a ação de Cristo é para a Igreja um verdadeiro bem, de modo que, o Divino Mestre não viveu a sua vida para si mesmo, mas a fez transbordar em favor aos homens (DOMINGOS, OLIVEIRA e DE SANTANA, 2021), para que estes pudessem participar da vida divina a ponto de elevarem seus corações Àquele que desejou ser tudo para todos. Dessa forma, "a ação salvífica de Deus em Cristo deve ser cumprida de uma forma histórico sacramental, dentro de nós, no tempo da Igreja" (AUGÉ, 2000, p. 17).

Destacar, portanto, que os mistérios de Jesus embora sejam plenos em sua pessoa ainda não os são em cada ser humano. É preciso beber continuamente desta fonte de graça que emana dos sacramentos e é dispensada pela Igreja, a fim de que cresça cada vez mais na vida da graça a qual todos foram chamados desde a criação do mundo. Nesse contexto, precisa-se suplicar constantemente com as mesmas palavras do salmista: "*Iahweh*, o teu amor é para sempre! Não abandones a obra de tuas mãos!" (Sl 138,8).

Então, o dever do homem é direcionar a sua vida para Deus, descobrindo no mistério da vida de Cristo, a razão da sua própria existência. O Filho do Homem em sua vida terrestre, enquanto aguardava o momento de cumprir a vontade do Pai – a obra salvífica – já antecipava por meio de suas palavras e atos o mistério pascal, que abarca em si a paixão, morte e ressurreição "como dois extremos do mistério Cristo" (SANNA, 1993, p. 762). O mistério pascal é o próprio Jesus Cristo, que se fazendo homem nos "divinizou" e morrendo na cruz se fez maldição para que libertos do pecado nos tornássemos benditos (Gl 3,13-14).

O mistério pascal sendo o fundamento da fé da Igreja o é também para a vida de todo cristão. É, também, a plenitude da nova e eterna aliança que encontra na cruz o ápice de sua realização, como destaca o Concílio Vaticano II. Pois, expirando na cruz, Jesus é o Cordeiro imolado, que destruiu a morte e ressuscitando restituiu à vida em plenitude que outrora os seres humanos tinham perdido. Isso traz aos homens indistintamente, até mesmo aos que estão fora da Igreja a verdadeira liberdade e salvação.

Ou seja, o mistério pascal marca a história, como acontecimento primordial de salvação no qual por Cristo passa-se deste mundo ao Pai. A vida mortal é glorificada pela oblação de Cristo, de

RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

modo que, esta ação repara a vida dos homens garantindo-lhes à herança eterna. Pois, "a fé na ressurreição de Jesus significa que há futuro para cada homem; que o desejo de infinidade que habita nele está respondido. Por Jesus conhecemos o âmbito onde o amor que partiu deposita a sua vitória" (RATZINGER, 2007, p. 305).

Assim mencionou Escobar (2005), que:

> "o Mistério Pascal não é simplesmente a Morte e a Ressurreição como dois atos sucessivos, mas a passagem de um ao outro, o movimento, a unidade dinâmica do primeiro ao segundo momento dessa realidade indivisível é o mistério do Senhor que passa deste mundo ao Pai, da vida mortal à gloriosa, pelo caminho do paixão e da Morte cruenta na cruz, e levando a humanidade pecadora a passar com Ele à presença do Pai, isto é, dando nascimento a uma humanidade nova, concretizada na Igreja que passa do Pecado à graça, da escravidão à liberdade e da morte a vida em Cristo" (ESCOBAR, 2005, p. 48).

Neste contexto, o mistério pascal constitui de fato a festa da vida cristã pela qual a Igreja reunida celebra o mistério do sacrifício redentor de Cristo. Por este sacrifício, santo e perfeito, vivenciado em cada missa encontra seu ponto alto na eucaristia dominical – dia do Senhor e da Igreja – onde cada cristão reconhece a majestade de Deus, como soberano de todas as coisas" (PORTO-MAURÍCIO, 2015, p. 16).

2.2 A ASSEMBLEIA LITÚRGICA

A Igreja reunida em assembleia recorda ao celebrar a Eucaristia que constitui em si o lócus "fontal", o lugar da unidade; que permite aos cristãos experimentar o imenso júbilo, outrora vivido pelos apóstolos, que reunidos na tarde de Páscoa são visitados pelo Ressuscitado (Domingos, 2021). Por esta razão podemos constatar que "a assembleia litúrgica por excelência é aquela eucarística. De modo que, Cristo volta a estar presente no meio desta na potência dinâmica e transfigurante do sopro impetuoso do Espírito (At 2,1)" (SANTANA, 2015, p. 179).

O papa João Paulo II (2003) mencionou que que a Igreja nutre e vive da Eucaristia, pão do céu. Por isso afirmou que "A Igreja recebeu a Eucaristia de Cristo seu senhor, não como um dom, embora precioso, entre muitos outros, mas como o dom por excelência, porque dom dele mesmo, da sua Pessoa na humanidade sagrada, e, também, de sua obra de salvação" (JOÃO PAULO II, 2003, n.11).

Assim, na dimensão litúrgica a assembleia é aquela que se reúne para celebrar os santos mistérios da fé, ou seja, prestar a Deus o devido culto. Ela sendo cúltica manifesta a reunião dos fiéis que, sobretudo no domingo recordam a vitória de Cristo sobre a morte e o pecado, e assim, tomam parte na vida da graça. Por isso, o domingo é o dia do Senhor no qual a *ekklesia* (ABAD e GARRIDO, 1988) rememora o ecoar da ressurreição, e os fiéis convocados glorificam a Deus celebrando sua esplêndida majestade na celebração litúrgica, em torno da Palavra e da Eucaristia.

Portanto, a assembleia é o lugar privilegiado no qual, o Todo Poderoso faz transbordar a sua graça, ou seja, o dom de si mesmo para nós. Por isso, ela congregada do cimo do monte sagrado

RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

tornar-se-á o paradigma de todas as assembleias vétero e neotestamentárias (SANTANA, 1999). Então, assembleia cristã o Esposo ressuscitado, é a razão da unidade, o motivo primordial e central pelo qual o povo congrega. Se outrora, no Antigo Testamento, a aliança fora selada por meio de um sacrifício "efêmero" (Ex 24,5-8), na plenitude dos tempos ela se reveste de um novo vigor, e se perpetua pelos séculos através da atualização da obra de Cristo (ASSUNÇÃO, 2016, p. 48-49), sumo e eterno sacerdote, no tempo da Igreja, pela poderosa ação do Espírito.

Sendo assim, à luz daquilo que já explicita, pode-se aferir que a Igreja é esta assembleia orante convocada pelo Senhor, em Cristo, no Espírito para espalhar a salvação em toda a terra e reunir num só corpo, num só coração e numa só alma aqueles que foram redimidos pelo sacrifício da cruz, e revestidos de glória eterna pela ressurreição de Cristo Jesus. Portanto, "a liturgia se apoia não no indivíduo, mas na comunidade dos fiéis... compreendendo os fiéis de toda a terra. E igualmente além dos limites do tempo, porque a comunidade dos que oram neste mundo está unida aos que já foram para o céu e se encontram na eternidade (GUARDINI, 1942, p. 43).

2.3 O DOMINGO COMO CENTRO DO ANO LITÚRGICO

A assembleia litúrgica é um dos fatores essenciais para celebrar o domingo, dia da Igreja, recordando a paixão, morte e ressurreição do Senhor. Em seguida também se verifica que o domingo se encontra no cerne do ano litúrgico como a celebração semanal e anual da Páscoa de Cristo que insere os cristãos nos mistérios divinos, pois, "domingo não é somente um dia da semana, mas é também um dia do maior ritmo anual, denominado ano litúrgico, visto como conjunto das festividades com as quais a Igreja celebra todos os anos o mistério de Cristo" (AUGÉ, 2000, p. 61).

Nesta perspectiva, pode-se perceber que o ano litúrgico se encontra além da temporalidade cronológica. Porque nele celebra-se o mistério de Cristo na sua totalidade. Assim, é permitido através dele vislumbrar a potência deste mistério na vida da bem-aventurada Virgem Maria, que em virtude dos méritos de seu Filho foi preservada da mácula do pecado. E de igual modo, na vida dos santos e santas quando celebrando suas respectivas memórias e festas, adentramos no fulgor da glória do Ressuscitado.

Nesse sentido, a *Sacrosanctum Concilium* evidencia que a celebração da Páscoa, além de trazer ao domingo um sentido pleno, se apresenta como fonte e origem de todo o ciclo anual-celebrativo da Igreja, isto é, as horas, os dias, as semanas e os anos da nossa brevidade mortal, são plasmados com um alento de ressurreição. Desse modo, pode-se afirmar que se pode fazer uma experiência com o Senhor através da vivência do Ano Litúrgico (SANTANA, 2015).

É importante ainda destacar que a participação ativa do fiel na liturgia dominical e na celebração dos sacramentos confirmam a constante presença de Deus na vida do povo. Ora, nesse sentido, compreende-se as palavras de Jesus na sinagoga de Nazaré (Lc 4,19). Pois, no meio da assembleia sinagogal ele rompe os paradigmas antigos e se apresenta como o ungido do Pai. Neste

RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

momento, e doravante através de sua vida, morte e ressurreição o Cristo Senhor inaugura o novo tempo da salvação que se estenderá pelos séculos (Lc 4,18-22).

Assim, a Igreja repleta do Espírito Santo, por meio das ações litúrgicas antecipa na atualidade aquela realidade magnífica que um dia todos irão gozar, em plenitude, na bem-aventurança eterna. Em cada Eucaristia dominical celebrada no desenrolar dos ciclos litúrgicos (Advento, Natal, Quaresma, Páscoa e Tempo Comum) ao longo do ano, todos são convocados a renovar a esperança Naquele que é, que era e que virá para instaurar definitivamente o seu Reino de amor no meio do povo.

Por isso, o domingo é o dia primordial do ano litúrgico. Ou seja, o domingo nasceu da Ressurreição do Senhor e prefigura a Parusia (JOAO PAULO II, 1998). Ou seja, como afirmou Borobio (2009): “o ano litúrgico é Cristo abraçando o tempo, como que desdobrando no tempo de um ano seus mistérios... o ano litúrgico nos recorda e faz presente o que Deus realizou pelos homens, sobretudo em Cristo, o que hoje continua a realizar pelo Espírito Santo na Igreja” (BOROBIO, 2009, p.58).

3. A IMPORTÂNCIA DO DOMINGO PARA OS CRISTÃOS

O domingo é importante na vida dos homens e sobretudo, dos cristãos de todos os tempos. Tal relevância como foi mencionado, se apoia nos fundamentos que este dia encerra em si: a recordação da ressurreição de Jesus; e a proclamação e escuta das Sagradas Letras no contexto da assembleia litúrgica reunida para a celebração da Eucaristia. É preciso que todos os homens tomem consciência (SANTANA & ZANATTA, 2021) de que o domingo não deve ser compreendido como aquele dia no qual emana para toda humanidade a graça do Ressuscitado, da qual deve-se tomar parte. Pois, ela renova o mundo e projeta a vida dos homens para a recompensa eterna, ou seja, para aquele momento tão esperado no qual todos contemplarão a face de Deus.

3.1 O SER HUMANO E O DOMINGO

A relação entre o homem e o dia consagrado ao Senhor é algo indispensável, pois, o ser humano é a obra perfeita modelada pelas “mãos” divina, barro bruto e pó da terra, que Adonai criou, e Cristo redimiu pela sua paixão e morte de cruz. Ele, com base escriturística, foi criado a imagem e semelhança de Deus (Gn 1,26-27). Tal feito ergueu o homem a uma dignidade muito mais elevada do que a dos demais seres criados (DE SANTANA, DOMINGOS e DE CASTRO, 2021).

Logo, a vida humana se apresenta como algo de valor incomparável, uma vez que ser humano (DE SANTANA, DOMINGOS e DE CASTRO, 2021) é compreendido dentro da obra da criação como o ser mais privilegiado de todos pela sua própria natureza, ou seja, pelo fato de possuir uma alma intelectiva que é imortal. Sendo assim, ele, ser dotado de razão, possui em si a capacidade inata de não só pensar, mas de buscar um contato íntimo com o Absoluto que o transcende, isto é, com o próprio Deus (MONDIN, 2008).

RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

Cabe ressaltar que o homem, por excelência, possui uma profunda inclinação a comunhão com o seu Criador. Pois, ele fora criado por amor e para o amor. E o desejo de Deus para nós é desde sempre e para sempre a nossa felicidade. No entanto, sabemos que a santidade original do homem foi corrompida pelo pecado. Por esta razão o homem deve sempre mais compreender que a sua constante tarefa nesse peregrinar na terra, é a busca de estreitar os laços de amizade com o Senhor (DOMINGOS, 2021).

Então, celebrar o domingo é estar intimamente unido ao Rei Ressuscitado, que pelo mistério da sua encarnação "divinizou" a todos e pela sua morte e ressurreição os salvou eternamente. Portanto, Cristo Jesus é o modelo perfeito da humanidade e, por conseguinte, o Senhor do domingo. Deve-se viver sempre em comunhão com ele, pois vive em cada ser humano a vida trinitária. Por herança dos primeiros pais (Adão e Eva), que realizaram em suas vidas um discernimento equivocado, e assim desobedeceram a ordem dada pelo Criador, todos perderam o estado de graça original. Porém, pelo mistério da encarnação do Verbo e da redenção da humanidade, bem como pela fonte de água viva na qual mergulhamos pelo batismo todos foram assim resgatados da perdição eterna (Rm 6,1-11).

Nesse sentido, o homem, através da vivência autêntica do domingo, o dia do Senhor, é conduzido a uma experiência tão profunda com Cristo, que deve fazê-lo refletir justamente sobre esse afastamento de Deus que Adão e Eva outrora experimentaram. Eles aceitaram a oferta do inimigo da salvação, e cultivaram seu orgulho e amor-próprio permanecendo cegos a ponto de descartarem de suas vidas graça sublime que Deus os oferecera.

O domingo, dia sagrado dos cristãos, é o lugar oportuno para fazer uma rica experiência de Cristo, encontrar a graça que outrora foi perdida, na alegria do convívio com os irmãos. Enfim, homens e mulheres de todos os tempos que vivem verdadeiramente a sua fé no Ressuscitado, e gozam da sua presença real no meio da assembleia reunida em torno do altar da Palavra e da Eucaristia, encontrarão sua Paz definitiva. Todos são vocacionados à alegria e devem a todo instante permanecer alegres por gozar da presença do senhor a cada domingo, e assim exclamar como o salmista: "Alegrei-me quando me disseram: "Vamos à casa de *Iahweh*!" Nossos passos já se detêm às tuas portas, Jerusalém!" (Sl 122,1-2.).

Por fim, homem e o domingo em sua íntima união revelam à humanidade inteira uma única realidade: a beleza de Cristo. Pois, todos foram criados à imagem e semelhança de Deus, para mostrar ao mundo o rosto misericordioso de Jesus. Por isso, o domingo revela a força imortal e atual da vitória de Cristo que irrompe os séculos, e faz a Igreja rejubilar de perene alegria bradando em alta voz: o Aleluia. E essa feliz realidade deve ser o ponto nevrálgico da relação entre o homem e o domingo. Logo, essa unidade entre ambos jamais poderá se extinguir, pois o domingo é um manancial de vida eterna sem a qual não se pode subsistir.

RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

3.2 A DIMENSÃO QUERIGMÁTICA DO DOMINGO

Esse termo *kerygma* de origem grega muito utilizado no âmbito pastoral, sobretudo na preparação dos catecúmenos[4] para recepção do primeiro sacramento da fé cristã (batismo) tem por finalidade ajudá-los a reconhecer e amar a Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, como o Salvador de suas vidas e único Senhor. Logo, pode-se considerar que é esta a função do *kerygma.*

É válido mencionar que o dicionário grego apresenta os seguintes significados para este termo: "proclamação para o arauto; anúncio; ordem; proclamação do vencedor; recompensa reclamada pelo arauto e pregação do evangelho" (PEREIRA, 1976, p. 320). Neste contexto, pode-se considerar que o domingo é na sua essência o dia do anúncio verdadeiro, pois nele resplandece a força e a presença do Ressuscitado.

Nesse sentido, pode-se afirmar que Cristo é o próprio fundamento do domingo. Ou seja, em cada domingo pelo anúncio da palavra e pela participação na refeição sagrada, a Igreja revive aquela mesma cena outrora ocorrida na vida do apóstolo Pedro, que repleto do Espírito Santo foi movido a dar um testemunho autêntico da fé que professava (At 2,14-24). E assim, "doravante, pela presença efetiva do Espírito de Deus, graças à ressurreição de Jesus dentre os mortos, todos os crentes podem atingir a profissão de fé no Cristo Senhor" (SANTANA, 2015, p. 114). O dia consagrado ao Senhor ensina a todos a oferecer ao mundo as razões convictas da fé (1Pd 3,15).

Assim, a comunidade dos crentes celebrando os mistérios da redenção na liturgia dominical a cada semana exclama: "Anunciamos Senhor a vossa morte e proclamamos a vossa ressurreição, vinde Senhor Jesus" (MISSAL ROMANO, 1992, p. 479). Este brado expressa o conteúdo primordial da fé que constitui a fonte do anúncio que deve ser sempre presente na vida eclesial, isso porque acredita-se num Deus vivo, vencedor da morte e fonte da vida perenal. Por isso, o *kerygma* deve estar impregnado na alma cristã, de forma que a santa Igreja deve ser para mundo e para seus filhos a grande anunciadora das maravilhas de Deus.

Assim, a exemplo dos cristãos da "primeira hora" que se rejubilaram ao verem Jesus ressuscitado, também todos são chamados a conservar o domingo, pois foi neste dia que o Senhor fora glorificado pelo poder fecundo da epiclese (CORBON, 1990) realizada pelo Pai, sobre seu corpo gélido encerrado no sepulcro. Por isso, o domingo foi consagrado como primícias de todos os dias. Logo, a partir da constatação do sepulcro vazio e das aparições aos apóstolos, o domingo torna-se de fato o dia do anúncio daquela boa notícia: Ele vive!

[4] "S. Paulo emprega o verbo *κατεχειν*, que significa ensinar de viva voz a fé (1Cor 14,19; Gl 6,6). Dele já encontramos um emprego técnico em 2 *Clem* 17,1. Catechumenus, para designar o candidato ao batismo, aparece pela primeira vez em latim em Tertuliano (Praescr. 41; De cor. 2; Marc. V, 7). O substantivo catequese é usado com frequência por Clemente Alexandrino" (HAMMAN, 2002, p. 271).

RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

Nesse caso, sendo o domingo, o dia da luz, deve ser igualmente a força transformadora de toda sociedade levando cada pessoa a uma verdadeira experiência com Cristo. O impulso kerygmático – realidade inerente na vida da Igreja – deve levar os cristãos a uma tomada de consciência acerca de sua missão enquanto membros do Corpo de Cristo e também testemunhas da verdade evangélica. Como afirmou Bento XVI (2010): "Assim, o espírito do ressuscitado habilita a nossa vida para o anúncio eficaz da palavra em todo mundo" (BENTO XVI, 2010, p. 170).

Então, o próprio Filho do Deus Altíssimo é a boa-nova da salvação. Por isso, esta novidade deve ser anunciada aos quatro cantos da terra a fim de levar a bom termo aquele mandato que Ele mesmo deu aos seus: "Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai do Filho e do Espírito Santo e ensinando-as a observar tudo quando vos ordenei" (Mt 28,19-20).

Nesse contexto, pode-se considerar que o domingo é por excelência o dia em que se contempla a manifestação desse evento que é o centro da fé cristã. Logo, a ressurreição do Senhor é, pois, o fecundo mistério que invade o mundo inteiro como um rio caudaloso de vida plena. Assim, o domingo se apresenta como o canal eficaz pelo qual a presença real de Cristo habita entre nós, não como uma simples recordação histórica, mas como uma realidade "concreta".

Assim, Aldazábal (2000) completando esse pensamento afirmou que a Páscoa, celebrada em cada liturgia, "agora continua crescendo e desenvolvendo-se em e por nós, sempre com a presença misteriosa do Senhor, sobretudo no domingo. Seria talvez mais exato interpretar esse "dia do Senhor" não como dia que dedicamos a Jesus, mas como dia que ele dedica a nós (ALDAZÁBAL, 2000, p. 81).

Sendo assim, o domingo possui um valor inenarrável, pois é neste dia que alimentamos a nossa fé na escuta atenta da Palavra de Deus e na participação da mesa do Corpo e Sangue de Cristo. É o dia do nosso encontro pessoal com Aquele que nos salvou. Assim, os cristãos são convocados, se preciso for a oferecerem suas vidas para que Cristo seja anunciado, conhecido e vivido.

3.3 OS DESAFIOS DA PASTORAL DOMINICAL NOS DIAS ATUAIS

O Sumo Pontífice João Paulo II movido pelo Espírito Santo ao redigir sua encíclica que trata sobre a santificação do domingo, apresenta sua preocupação logo nas primeiras páginas. Isso porque se trata do dia do Senhor, e não de um dia qualquer. Ele observando a agilidade com a qual o mundo se desenvolvia em todos os sentidos, exerceu seu magistério chamando a atenção de toda cristandade para a urgente compreensão, e em alguns casos, para a redescoberta do verdadeiro valor que o domingo abarca em si.

Desse modo, sejam os cristãos os primeiros conhecedores de tão bela realidade, e ao mesmo tempo testemunhas qualificadas para conduzir muitas almas para Cristo, através da vivência fidedigna do dia do cristão. Assim, afirmou o papa dizendo que para os fiéis "implica também uma

RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

compreensão mais profunda do domingo, para poder vivê-lo, mesmo em situações difíceis, com plena docilidade ao Espírito Santo" (JOÃO PAULO II, 2001, p. 7).

Então, neste período pós-moderno pode-se perceber que em diversos setores da sociedade as pessoas se encontram confusas, perdidas, feridas e necessitadas de algo que possa dar sentido a sua vida (SANTANA & ZANATTA, 2021). Pois, vive-se uma intensa desordem; uma inversão de valores; uma pluralidade heterogênea de ideias na qual um dado objetivo rapidamente se torna subjetivo e vice-versa. Portanto, percebe-se "uma sociedade inerte, incapaz de firmar laços profundos, e a dificuldade que os indivíduos possuem de saber quem são, apresentando, um problema de identidade" (ZANATTA, et al., 2021).

Deste modo, os cristãos não podem se deixar confundir pelo fluxo contrário que o mundo apresenta. Mas, antes deve-se conscientizar dos valores que recebe do dado revelado, da tradição apostólica e do magistério eclesiástico, para assim oferecer aos homens de hoje que estão "cegos", a luz da verdadeira fé que brilhou no dia da ressurreição do Senhor. No entanto, só a consciência reta e bem formada, e para isso se faz necessário obter um conhecimento progressivo da fé que se professa através de uma busca constante, pode ajudar nesse processo.

Então, na sociedade hodierna se depara com uma constante mudança de paradigmas, e essa realidade é fruto de um processo que na sua raiz possui diversas explicações e por vezes é má compreendida por muitos, revela o fenômeno da secularização. Assim, testemunhou Ratzinger (2005) dizendo que "A fé não voltará simplesmente a ter efeito imediato, de modo inovador, no todo da consciência social. O domínio central da vida de hoje é, realmente, o das econômicas e técnicas" (RATZINGER, 2005, p. 103).

Vale ressaltar que para o autor existe uma crise bastante significativa e que precisa ser trabalhada no seio da Igreja para que o mundo secularizado, possa acreditar e entregar-se a esse Deus que se manifesta na história do seu povo (DOMINGOS, 2021). Nesse caso, ressalta-se que "a religião não desapareceu nesse domínio, mas passou para o domínio do subjetivo. A fé é tolerada como uma das formas de religião subjetivas; ou então continua a ocupar um lugar determinado enquanto fator cultural" (RATZINGER, 2005, p. 103).

Por isso, a secularização deve ser bem compreendida, deve-se enxergá-la com um olhar de ressurreição, pois se trata de um processo complexo na sua essência por conta das suas inúmeras faces. Porém, os cristãos busquem apoiar-se no fato de que precisam, com a devida clareza de consciência, conviver com essa sociedade em mudança na perspectiva de viver um mundo novo, onde resplandeça por meio da fé e da vida a presença do Ressuscitado.

Por fim, a missão dos fiéis é ressaltada revelando a grandeza da evangelização, e de igual modo da "dignidade laical" ao mesmo tempo da certeza de que o Cristo, Senhor do domingo, está sempre, seja velado nas espécies eucarísticas, ou de forma visível em cada irmão. Compreende-se, portanto, que a participação na liturgia dominical é extremamente necessária para fortalecer e estreitar cada vez mais os laços de amizade que nos une a Deus e aos irmãos que partilham da mesma fé. Por isso, jamais pode-se desistir de participar com muito amor e profunda devoção deste

RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

dia sagrado. Como afirmou o Concílio, “Impõe-se, portanto, a todos os fiéis o sublime encargo de trabalharem para que a mensagem divina da salvação seja conhecida e aceita por todos os homens, em toda a terra (CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p. 373).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão acerca do Dia do Senhor teve como principal ponto de referência a Carta Apostólica *Dies Domini*, promulgada pelo papa João Paulo II em 30 de julho de 1998. No entanto, além de utilizar alguns aspectos apresentados por ela, o estudo lançou-se sobre outros elementos que constituem a grandeza desse dia (domingo) e explicitam a sua importância na vida cristã.

O intento foi o de conduzir os cristãos a um conhecimento mais apurado de toda profundidade e riqueza que se encerra neste dia, o qual a Igreja nos convida a santificar, guardando o repouso sagrado, unido toda comunidade de fé, diante das maravilhas operadas por Deus ao longo da história da salvação (DOMINGOS, 2021), sobretudo na celebração do mistério eucarístico.

Com efeito, o domingo é o dia em que se celebra o dom da criação e igualmente o da “nova criação” selada com o sangue precioso do Cordeiro ofertado ao Pai no patíbulo da cruz. Assim, quando se permanece em Cristo tudo se faz novo, pois Ele é o Senhor do tempo e da história. Nesse caso, o domingo cristão assume uma importância grandiosa, pois neste dia foi garantida a salvação eterna, a vida em plenitude. Ele é para nós o prenúncio daquele dia sem ocaso no qual o Sol de justiça brilhará eternamente sobre todas as pessoas (Ap 22,3-5).

Em virtude do que fora mencionado, pode-se concluir que o trabalho demonstrou, através de um itinerário bíblico, eclesiológico-litúrgico e pastoral, uma melhor compreensão acerca do dia de domingo bem como da sua importância para os cristãos, sobretudo nos dias de hoje. Sendo assim, procurou destacar o valor teológico do dia do Senhor, compreendendo a necessidade dos fiéis em salvaguardar e ao mesmo tempo vivenciar com autenticidade e firme compromisso o domingo.

Em suma, pode-se dizer que viver o domingo é conscientizar que o valor contido neste dia é cogente, mesmo diante das dificuldades oriundas da pós-modernidade, bem como dos obstáculos que impedem os seres humanos (DE SANTANA, DOMINGOS e DE CASTRO, 2021) de seguir verdadeiramente a Cristo e, ser para o mundo sinais do seu amor.

Por isso, esse tema tão antigo e ao mesmo tempo tão atual, buscou-se mostrar o porquê a celebração do domingo é tão importante para os seguidores de Cristo. E igualmente, para todos os que por ele foram remidos. Nesse sentido, todos são convocados a serem enamorados do Ressuscitado, e assim contemplar a face do Senhor que se fortalecem da Palavra de da Eucaristia a cada celebração dominical; pois, o Cristo Vivo vem fazer sua morada no meio dos seres humanos a cada primeiro dia da semana (SILVA, 2005).

RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

5. REFERÊNCIAS

ABAD, José Antonio; GARRIDO, Manuel. **Iniciación a la Liturgia de la Iglesia**. Madrid: Pelícano, 1988.

ALDAZÁBAL, J.; Domingo: Dia do Senhor. *In.*: BORÓBIO, D. **A Celebração na Igreja**: Ritmos e Tempos de Celebração. São Paulo: Loyola, 2000.

ARCE, Pablo; SADA, Ricardo. **Curso de Teologia Dogmática**. Lisboa: Rei dos livros, 1992.

ASSUNÇÃO, Rudy Albino. **O Sacrifício da Palavra**: A Liturgia da Missa segundo Bento XVI. Campinas: Ecclesiae, 2016.

AUGÉ, M. **Domingo**: Festa Primordial dos Cristãos. São Paulo: Ave-Maria, 2000.

AUGÉ, M. **Liturgia**: História, Celebração, Teologia, Espiritualidade. São Paulo: Ave-Maria, 2013.

BECKHAUSER, A. **Didaqué**: Catecismo dos Primeiros Cristãos. Petrópolis: Vozes, 1971.

BECKHAUSER, A. **Os fundamentos da Sagrada Liturgia**. Petrópolis: Vozes, 2004.

BENTO XVI. **Vigília Pascal na Noite Santa**. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2012/documents/hf_ben-xvi_hom_20120407_veglia-pas quale.html. Acesso em: 7 abr. 2012.

BENTO XVI**. Exortação Apostólica Pós-Sinodal Verbum Domini**: sobre a palavra de Deus na vida e na missão da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2010.

BENTO XVI. **Introdução ao Espírito da Liturgia**. São Paulo: Loyola, 2015.

BENTO XVI. **Jesus de Nazaré**: Da entrada em Jerusalém até a Ressurreição. São Paulo: Planeta, 2011.

BERGAMINI, A. **Cristo Festa da Igreja**: O Ano Litúrgico. São Paulo: Paulinas, 2004. BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2016.

BOFF, L. Morte. *In.:* TAMAYO, J. J. (Org.). **Novo Dicionário de Teologia**. São Paulo: Paulus, 2009.

BORÓBIO, D. **A Celebração na Igreja**: Ritmos e Tempos de Celebração. São Paulo: Loyola, 2000.

BRANDOLINI, L. Domingo. *In.:* SARTORE, D.; TRIACCA, A. M. (Orgs.). **Dicionário de Liturgia**. São Paulo: Paulus, 2009.

CATARINA DE SENA. **Cartas completas**. São Paulo: Paulus, 2005. *In.:* **Catecismo da Igreja Católica**. São Paulo: Loyola, 2000.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática Dei Verbum: Sobre a Revelação Divina. *In.:* **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II**. São Paulo: Paulus, 1997.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Pastoral Gaudium Et Spes: Sobre a Igreja no Mundo de Hoje. *In.:* **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II**. São Paulo: Paulus, 1997.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição *Sacrosanctum Concilium*: Sobre a Sagrada Liturgia. *In.:* **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II**. São Paulo: Paulus, 1997.

RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

CORBON, J. **A fonte da Liturgia**. São Paulo: Paulinas, 1999.

DE SANTANA, Cláudio Manoel Luiz; DOMINGOS, Luiz Fábio; DE CASTRO, Carolina Pinheiro Garcia. O conceito de pessoa e a perspectiva educacional de Karol Wojtyla. **RECIMA21-Revista Científica Multidisciplinar**, v. 2, n. 6, p. e26403-e26403, 2021. ISSN 2675-6218.

DOMINGOS, Luiz Fábio. A manifestação de Deus na história do seu povo. **RECIMA21-Revista Científica Multidisciplinar**, v. 2, n. 5, p. e25378-e25378, 2021. ISSN 2675-6218.

DOMINGOS, Luiz Fábio; OLIVEIRA, Vitor; DE SANTANA, Cláudio Manoel Luiz. A paz em Santo Tomás de Aquino: sua natureza e suas causas. **RECIMA21-Revista Científica Multidisciplinar**, v. 2, n. 6, p. e26516-e26516, 2021. ISSN 2675-6218.

ESCOBAR, F. A celebração do mistério de Cristo. *In.:* CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Manual de Liturgia II**: A celebração do mistério pascal: fundamentos teológicos e elementos constitutivos. São Paulo: Paulus, 2005.

ECCLESIA BRASIL. Disponível em www.ecclesia.com.br

FLORISTÁN, C. Catecumenato: História e pastoral da iniciação. Petrópolis: Vozes, 1995.

GUARDINI, R. O Espírito da Liturgia. Rio de Janeiro: Edições Lumen Christi, 1942.

HAMMAN, A. **Catecúmeno**. *In.:* BERARDINO, A. D. (Org.). Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulus, 2002.

IRINEU. **Contra as heresias**: denúncia e refutação da falsa gnose. São Paulo: Paulus, 1995.

JOÃO PAULO II. **Carta Apostólica Novo Millennio Ineunte**: No início do Novo Milênio. São Paulo: Paulinas, 2001.

JOÃO PAULO II. **Carta Apostólica Dies Domini**: sobre a santificação do Domingo. São Paulo: Paulinas, 1998.

JOÃO PAULO II. **Ecclesia de Eucharistia**: sobre a eucaristia na sua relação com a Igreja. São Paulo: Paulinas, 2003.

LÓPES, F. G. **Introdução ao Estudo da Bíblia**: O Pentateuco. São Paulo: Ave-Maria, 2004.

LÓPEZ, J. M. **A Liturgia da Igreja**: Teologia, História, Espiritualidade e Pastoral. São Paulo: Paulinas, 2006.

MAZZAROLO, I. **Gênesis 1-11**: E assim tudo começou. Rio de Janeiro: Mazzarolo Editor, 2013.

MCKENZIE, J. L. Criação. *In.:* MCKENZIE, J. L. (Org.). **Dicionário Bíblico**. São Paulo: Paulus, 1984.

MISSAL ROMANO. São Paulo: Paulus, 1992.

MONDIN, B. **O Homem, quem é ele? Elementos de Antropologia Filosófica**. São Paulo: Paulus, 2008.

NEUNHEUSER, B. Memorial. *In.:* SARTORE, D.; TRIACCA, A. M. (Orgs.). **Dicionário de Liturgia**. São Paulo: Paulus, 2009.

PEREIRA, I. **Dicionário grego-português e português-grego**. Porto: Livraria apostolado da imprensa, 1976.

RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

PORTO-MAURÍCIO, L. **Excelências da santa missa**. São Paulo: Cultor de Livros, 2015.

RATZINGER, J. **Dogma e Anúncio**. São Paulo: Loyola, 2007.

RATZINGER, J. **O sal da terra**: O cristianismo e a Igreja Católica no limiar do terceiro milênio: Um diálogo com Peter Seewald. Rio de Janeiro: Imago, 2005.

RUBIO, A. G. **Unidade na pluralidade**: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs. São Paulo: Paulus, 2006.

SANNA, I. Mistério Pascal. *In.*: FIORES, S.; GOFFI, T. (Orgs.). **Dicionário de Espiritualidade**. São Paulo: Paulus, 1993.

SANTANA, C. M. L.; ZANATTA, C.C.G.D. **Espiritualidade e Sentido de vida**. Curitiba, PR: CRV, 2021. Doi 10.24824/978652510919.0

SANTANA, L. F. R. **Liturgia no Espírito**: o culto cristão como experiência do Espírito Santo na fé e na vida. Rio de Janeiro: PUC, 2015.

SANTANA, L. F. R. **O Espírito Santo e a Espiritualidade Cristã**. Rio de Janeiro: Edições Bom Pastor, 1999.

SANTE DI, C. **Liturgia Judaica**: Fontes, Estruturas, Orações e Festas. São Paulo: Paulus, 2004.

SILVA, J. A. **O domingo**: Páscoa semanal dos cristãos. São Paulo: Paulus, 2005.

ZANATTA, Cleia et al. **Impactos dos tempos líquidos sobre o processo de educação**. RECIMA21-Revista Científica Multidisciplinar, v. 2, n. 6, p. e26461-e26461, 2021. ISSN 2675-6218.